

EVIDENCIANDO O PERFIL DE BRASILEIROS QUE SE ENGAJAM EM UMA DIÁSPORA ACADÊMICA

PROFILING BRAZILIANS WHO ENGAGE IN AN ACADEMIC DIASPORA

Eduardo Picanço Cruz ¹[0000-0003-4484-3256]

Denise Maria Martins ²[0000-0003-2956-0573]

Michel Mott Machado ²[0000-0002-3444-8271]

Roberto Pessoa de Queiroz Falcão ³[0000-0002-8125-0938]

¹ Universidade Federal Fluminense (UFF)

² Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza (CEETEPS)

³ Universidade do Grande Rio Professor José de Souza Herdy (UNIGRANRIO)
epicanco@id.uff.br, denise.martins@cpspos.sp.gov.br,
michelmottmachado@gmail.com, robertopqfalcao@gmail.com

Resumo. O presente trabalho se insere no contexto da diáspora acadêmica brasileira, a qual vem sendo marcada por um crescente movimento de internacionalização dos pesquisadores e das instituições de ensino. Nesse sentido o trabalho tem como objetivo principal o de analisar o perfil de profissionais brasileiros com qualificação de *Stricto Sensu* que migraram e o movimento da diáspora científica brasileira. Para operacionalizar a pesquisa, foi selecionada uma amostra de 596 respondentes que detinham qualificação de *Stricto Sensu* e eram emigrantes brasileiros estabelecidos no exterior, de uma amostra de 3.888 emigrantes brasileiros, obtida por meio de uma survey geral, conduzida com a finalidade de se evidenciar o perfil de emigrantes brasileiros. Os dados foram coletados entre julho de 2019 e março de 2023. Para a pesquisa foram considerados os seguintes países de acolhimento, devido à acessibilidade dos dados que já haviam sido coletados: Alemanha, Bélgica, Holanda, Luxemburgo (Benelux), Espanha, França, Itália, Dinamarca, Finlândia, Suécia, Noruega (Países Nórdicos) e Suíça. Como principais achados, evidenciou-se na amostra uma feminização da migração, um perfil jovem (na faixa economicamente ativa) e que busca melhores oportunidades e condições de desempenhar um trabalho científico.

Palavras-chave: Diáspora acadêmica, Mestres e doutores, Imigração brasileira, Europa.

Abstract. This study is situated in the context of the Brazilian academic diaspora, which has been marked by a growing movement toward the internationalization of researchers and educational institutions. Accordingly, its main objective is to analyze the profile of Brazilian professionals with graduate-level qualifications

who migrated and the movement of the Brazilian scientific diaspora. To conduct the research, a sample of 596 respondents who held graduate degrees and were Brazilian emigrants living abroad was selected from a sample of 3,888 Brazilian emigrants obtained through a general survey designed to identify the profile of Brazilian emigrants. Data were collected between July 2019 and March 2023. The following host countries were considered because of the accessibility of data that had already been collected: Germany, Belgium, the Netherlands, Luxembourg (Benelux), Spain, France, Italy, Denmark, Finland, Sweden, Norway (Nordic countries), and Switzerland. The main findings indicated a feminization of migration, a young profile (within the economically active age range), and a search for better opportunities and conditions for carrying out scientific work.

Keywords: Academic diaspora. Master's and doctoral degree holders. Brazilian immigration. Europe.

Introdução

O número ainda reduzido de estudos empíricos com foco nos profissionais altamente qualificados dificulta a compreensão dos meios mais eficientes para o envolvimento e articulação das diásporas de Ciência e Tecnologia (C&T), com vistas à contribuição destas ao desenvolvimento dos países de origem (CARNEIRO *et al.*, 2020).

Segundo Lombas (2017), há uma circulação de acadêmicos que buscam formação no exterior em várias ondas, mais do que efetivamente uma diáspora acadêmica. No entanto, o tema requer maior aprofundamento, dado que as análises se baseiam sobretudo em dados oficiais do CNPq, e a depender da área de concentração científica, a disparidade de estrutura de pesquisa pode ser grande entre as instituições do Brasil e as do exterior. Reportagens de jornais estampam que doutores recentes resolvem deixar o Brasil em busca de melhores oportunidades para desenvolver seu trabalho, em um ambiente mais favorável à ciência. Esse fenômeno segue uma tendência, não registrada nas estatísticas oficiais (segundo eles), mas que aparece nos muitos relatos de migração de talentos (por exemplo, SILVEIRA, 2020). Por outro lado, ainda é incipiente a quantidade de trabalhos científicos que se dedicam ao tema da internacionalização do ensino superior e da pesquisa (a exemplo de LOMBAS, 2017), mais especificamente, à mobilidade internacional acadêmica, chamada aqui de diáspora acadêmica brasileira. Nesse sentido, o presente trabalho tem como objetivo, analisar o perfil de profissionais brasileiros com qualificação de *Stricto Sensu* que migraram e as mobilizações da diáspora científica brasileira.

Para realização desse trabalho, selecionou-se uma amostra de 596 respondentes que detinham qualificação de *Stricto Sensu* e eram emigrantes brasileiros estabelecidos no exterior, extraída de uma amostra maior de 3.888 emigrantes brasileiros, obtida por meio de uma *survey* geral, conduzida com a finalidade de se evidenciar o perfil de emigrantes brasileiros. Portanto, a amostra contou com um recorte transversal e coleta de dados no período compreendida entre julho de 2019 e março de 2023. Os países estrangeiros que abrigaram estes emigrantes brasileiros, os quais foram considerados para o estudo, pelo critério de acessibilidade, e devido a já terem sido coletados dados da *survey* geral

incluem: Alemanha, Benelux (Bélgica, Holanda, Luxemburgo), Espanha, França, Itália, países nórdicos (Dinamarca, Finlândia, Suécia, Noruega) e Suíça.

Como principais achados evidenciou-se na amostra para uma feminização da migração, um perfil jovem (na faixa economicamente ativa) e que busca melhores oportunidades e condições de desempenhar um trabalho científico.

Referencial teórico

A formação de Mestres e Doutores no Brasil

Assumindo-se um ponto de vista econômico sobre a educação, não é de hoje que se reconhecem algumas influências desta última na ciência, tecnologia e inovação (LASTRES; ALBAGLI, 1999), no desenvolvimento econômico (RAMOS, 2015) e humano (DELORS *et al.*, 2012), bem como na evolução/dinâmica do mercado de trabalho (DELORS *et al.*, 2012; CHAHAD, 2017).

Ainda nessa perspectiva, parece não existir dúvida sobre a influência da educação sobre a produtividade da força de trabalho, das empresas e mesmo da competitividade econômica de um país (RAMOS, 2015), sobretudo se considerarmos a perspectiva de uma era do conhecimento (LASTRES; ALBAGLI, 1999), de uma sociedade informacional e em rede (CASTELLS, 2003), ou mesmo de uma economia da informação, do conhecimento e do aprendizado (LASTRES; FERRAZ, 1999), num contexto de globalização (SANTIAGO; MACHADO, 2015).

Nesse sentido, cabe pontuar que essa reflexão tem a ver com a educação em todos os níveis educacionais, o que inclui a pós-graduação *stricto sensu* (mestrado e doutorado). Reconhece-se, portanto, que a formação de indivíduos que desempenham atividades de investigação/pesquisa, é algo que tem mobilizado esforços de vários países (MARCHELLI, 2005; RAMOS; VELHO, 2011), sendo que neste quesito, também se verifica um esforço da sociedade brasileira na busca pela expansão da pós-graduação, em especial à formação de doutores (VELHO, 2001; RAMOS; VELHO, 2011; 2013; FERREIRA; CHAVES, 2018).

Nessa direção, o estudo de Marchelli (2005), cujo objetivo foi estabelecer comparações entre a formação de doutores nos cursos de pós-graduação brasileiros e de outros países do mundo (como EUA, França, Alemanha, Reino Unido, Japão e Coreia do Sul), teve como foco o levantamento das propostas presentes nas políticas públicas formuladas pelo Brasil e demais países. Na referida investigação, concluiu-se que o Brasil projetava, para o final dos anos 2000, uma posição de equilíbrio diante dos outros países, no que diz respeito à formação de doutores, tendo obtido, em 2003, a marca de 4,6 doutores para cada grupo de 100 mil habitantes.

Além disso, o Brasil já não se encontrava em posição de retaguarda ao ser comparado com as nações desenvolvidas, quanto à formação de doutores, como muitos poderiam crer, fruto de um significativo crescimento desse indicador no Brasil, ao longo da década anterior (MARCHELLI, 2005).

Ramos e Velho (2013), por sua vez, procuraram discutir a respeito de como a formação de pesquisadores é influenciada pela dinâmica de produção (e do produtivismo), e pelo uso do conhecimento num determinado contexto de aplicação. Nesse trabalho, as autoras argumentam que a política de pós-graduação no Brasil, orientada à carreira e ao desempenho acadêmico, não é capaz de atender às novas competências e papéis

esperados dos doutores no atual cenário de relações e intercâmbio científico, econômico e cultural, quer seja no âmbito nacional ou internacional.

Uma das consequências desse processo de aprofundamento da inter-relação ciência-tecnologia-economia, em andamento, tem a ver com a criação de novas oportunidades de trabalho para pesquisadores, tanto em setores e carreiras convencionais (docência e/ou pesquisa), quanto nos emergentes (profissionais engajados no desenvolvimento da pesquisa na indústria, por exemplo), emergindo, portanto, o assim chamado “sistema global de ciência” (RAMOS; VELHO, 2013).

Diante disso, a formação doutoral começa a evoluir para alinhar-se a esse contexto. Entretanto, no Brasil, ainda pode predominar o modelo único de formação doutoral orientado à carreira e ao desempenho acadêmico, o que pode significar “perder a oportunidade de o país recuperar a capacidade de gerar as competências e habilidades necessárias para seu desenvolvimento no longo prazo” (RAMOS; VELHO, 2013, p. 241).

Em outro trabalho, o qual teve por base o Plano Nacional de Educação (PNE) aprovado pela Lei nº. 13.005/2014, especialmente no tocante a meta 14 (estratégia 14.12), Ferreira e Chaves (2018) analisaram a política do processo de expansão da pós-graduação na formação de doutores, tendo concluído que o Brasil necessita aprimorar os mecanismos de fomento à pós-graduação para que possa ampliar o número de titulados em nível doutoral. Isso se deve ao fato de que, em 2014, os índices ainda demonstravam a existência de apenas um doutor por mil habitantes, sendo necessário, à época, quintuplicar esse número para o atendimento da referida meta, além de outras distorções em relação às regiões do país.

Seja como for, a formação de doutores (ou pesquisadores de alto nível) é um esforço de toda a sociedade brasileira, envolvendo considerável monta de recursos e o envolvimento de diversos atores, o que tende a ser entendido como um fator relevante para o desenvolvimento econômico e social do país. Tal preocupação sugere, portanto, um olhar detido sobre a formação de doutores e os impactos na propensão de migrar (RAMOS; VELHO, 2011) ou ainda o que se tem nomeado de diáspora brasileira de ciência, tecnologia e inovação (CARNEIRO *et al.*, 2020).

O conceito de diáspora

Diáspora é uma palavra grega, utilizada desde a antiguidade para designar o destino do povo judeu após a destruição do Templo e a anexação da Judéia pelos romanos (COHEN, 2019). Mais recentemente, o termo foi estendido para incluir a dispersão de gregos e armênios fora da Grécia e da Armênia, e, posteriormente, a dispersão dos chineses. Assim, o termo, passou também a designar a condição de um povo geograficamente disperso que se fixou em diferentes organizações políticas, mas que manteve, apesar desta dispersão, alguma forma de unidade e solidariedade (COHEN, 2019; SCHNAPPER, 1999). Desde 1968, o termo tem sido usado de forma corriqueira e frequente, especialmente nos Estados Unidos designando todas as formas de dispersão populacional, até então evocadas pelos termos expulso, expatriado, exilado, refugiado, imigrante ou minoria (SCHNAPPER, 1999).

Já na atualidade, seu significado mudou de sentido, sendo associado ao fenômeno da globalização, conforme afirma Cohen (2019), e ao espaço transnacional, incluindo os diversos povos, etnias e culturas que perderam seus territórios ou mesmo emigraram de seu país de origem, quer por motivos forçados ou por ações próprias, de cunho

econômico. Nessa direção, entende-se que a pátria das diásporas se assenta em uma terra adotada emocionalmente e que se entrelaçam ao menos duas culturas (SOUZA, 2014). Cohen (1999) ainda sugere que o termo diáspora implica em significados relativos a um movimento disperso, de disseminação, de descentramento e deslocamento, portanto, devendo-se buscar compreender, segundo Baumann (1995), que a diáspora deve ser analisada pela ótica do (i) processo de dispersão e suas consequências, (ii) de uma comunidade vivendo fora de sua terra de origem, e (iii) do espaço geográfico ocupado por este grupo.

Nesse sentido, conforme aponta Riggs (2000), as novas diásporas são decorrentes da globalização e da crescente mobilidade das pessoas, oriundas da facilidade de se viajar na atualidade e da disseminação das informações, assim como da erosão das fronteiras do estado. Portanto, se observarmos as nações Europeias e da América do Norte, nenhum de seus países pode ser encarado como tendo um povo confinado dentro dos limites de um Estado, dada a dispersão dos diferentes povos e etnias pelo globo.

Adotando-se o conceito geral de diáspora para especificar o conceito de diáspora acadêmica, a seguir apresentam-se algumas questões relativas à diáspora acadêmica brasileira.

As questões relativas à diáspora acadêmica brasileira

Carneiro *et al.* (2020) destacam que originalmente a migração dos talentos era analisada nos termos dicotômicos da fuga (drenagem) de cérebros, a *brain drain*, onde o país que havia investido na formação ‘perdia’ essa pessoa para um outro país. Os debates acerca dos movimentos migratórios levaram a uma evolução dos conceitos relacionados ao tema, criando as perspectivas do *brain circulation* (COHEN, 2013), *brain networking* (CIUMASU, 2010), ou, em decorrência da globalização atual da economia, das tecnologias da informação e comunicação, as chamadas carreiras sem fronteiras (BARUCH; ALTMAN; TUNG, 2016) ou os nômades digitais (MEDEIROS; FIORILLO, 2022).

Outra forma comumente relatada de diáspora é a migração econômica, que além da questão principal sobre a busca por melhores condições financeiras envolve também as pessoas que se deslocam em busca de trabalho, estudo, questões de saúde, reunião familiar (SIMÕES, 2022).

Nos últimos anos, diversos artigos apresentam aspectos dos desafios da imigração e da diáspora acadêmica, assim como suas implicações para os países que perdem esses cérebros (BEZERRA; SILVEIRA NETO, 2008; BALBACHEVSKY; SILVA, 2012; SILVEIRA, 2020). Porém, nenhum estudo havia feito ainda, de uma forma sistemática, a análise de motivações que levaram acadêmicos brasileiros a emigrarem, as barreiras enfrentadas, e o relato de trajetórias e casos de sucesso. Isso é corroborado pela declaração de Silveira (2020), de que não há dados oficiais sobre esta fuga, dado que os jovens doutores que deixam o país, o fazem com bolsas das universidades ou centros de pesquisa do exterior que os contratam, e não das instituições brasileiras, como a CAPES ou o CNPq.

Carneiro *et al.* (2020) reforçam ainda que há limitações, por exemplo, no robusto trabalho da OBMigra (UnB) para o dimensionamento da diáspora de ciência, tecnologia e inovação, pois os dados do seu Sistema de Tráfego Internacional não permitem identificar o destino nem o motivo da saída, além disso, os migrantes qualificados que entram no país, e não os que saem, é que são o foco principal do estudo.

Tal qual afirmam Balbachevsky e Silva (2012), os expatriados acadêmicos participantes dessa diáspora acadêmica, promovem ainda mais a própria diáspora. Os autores discutem experiências de organização da participação da diáspora científica brasileira e seu potencial para fazer face aos desafios futuros da ciência e tecnologia no Brasil, tomando como referência a algumas experiências ocorridas nos Estados Unidos da América.

Já pelo lado da avaliação dos programas de pós-graduação brasileiros, a CAPES incentiva tanto a formação de recursos humanos pelo Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE), quanto estabelece critérios para avaliação dos intercâmbios acadêmicos mediante o fluxo contínuo de docentes e discentes, por meio do estabelecimento de contrato de parceria interinstitucional (ver LO BIANCO; ALMEIDA; KOLLER; PAIVA, 2010).

O fato é que milhares de brasileiros realizam Pesquisa e Desenvolvimento (P&D) em centros de pesquisa de renome, espalhados pelo mundo. Na atualidade, conhecer a diáspora acadêmica brasileira permitirá criar oportunidades de colaboração entre as instituições nacionais e estrangeiras, fazendo com que o Brasil esteja inserido cada vez mais em projetos de cooperação internacionais, contribuindo, portanto, para o desenvolvimento do país (ver LOMAS, 2017; PEDRAZA-NÁJAR; RODRIGUEZ-ROJAS; JUÁREZ, 2013).

No sentido mais geral da migração de brasileiros no exterior, percebe-se uma tendência à feminização desse fluxo, como relatado em trabalhos de Queiroz, Cabecinhas e Cerqueira (2020), de Costa e Ruviano (2020) e de Assis e Siqueira (2021). Ademais, sabe-se que globalmente há uma tendência de aumento da inserção das mulheres no mundo acadêmico, sobretudo buscando qualificação no exterior (ACKERS, 2004), embora os dados históricos brasileiros apontem para uma maior quantidade de homens que buscaram complementação de sua formação no estrangeiro (LOMBAS, 2017).

Já quanto à faixa etária, tipicamente as amostras de trabalhos que realizaram coletas de dados primárias em comunidades de emigrantes, apontam para indivíduos na faixa economicamente ativa, dado que muitos emigram quando são jovens para tentar a vida no exterior, portanto, considera-se a maior parte dos brasileiros no exterior compreendidos na faixa etária de emigrantes de 24 anos até 45 anos (por exemplo, CRUZ; FALCÃO; BARRETO, 2017; CRUZ *et al.*, 2022).

Conforme visto na seção anterior, os programas de doutorado no Brasil até os anos 1990 eram incipientes ou inexistentes em muitas áreas, o que levou a muitos acadêmicos a se titularem no exterior. Já na atualidade, percebe-se que parte dos que emigram buscam uma formação complementar, por meio de doutorados sanduíche ou estágio pós-doutoral (LOMBAS, 2017). No entanto, essa autora defende não haver uma perda tão significativa de talentos científicos para o exterior, dado que o que ocorre é mais um fenômeno chamado de circulação (*brain circulation*), com o retorno ao país após o término dos estudos ou estágio de pesquisa.

Sabe-se que diante das exigências da CAPES em se internacionalizar a pesquisa brasileira, tem ocorrido um esforço cada vez maior das instituições e dos pesquisadores, no sentido de estreitar as relações científicas e tecnológicas com o ambiente internacional, o que tem demandado um esforço por parte do governo federal, com o aporte expressivo de recursos públicos (via CAPES e CNPq), além de esforços de fundações estaduais de amparo à pesquisa (por ex., FAPESP e FAPERJ, entre outras) para estimular as saídas de brasileiros para realização de pesquisas no exterior, sobretudo, em países desenvolvidos (LOMBAS, 2017). No entanto, ainda segundo Lombas (2017), não obstante o incentivo dado pela CAPES e CNPq para a

internacionalização da pesquisa brasileira, ainda não se sabe os efeitos gerados na perda de pesquisadores qualificados para o exterior.

Os relatórios da UNESCO (2009; 2006) e da OCDE (2014), apontam para uma tendência de incremento, ao longo dos anos 1970-1980, de estudantes que deixaram seus países de origem com o objetivo de realizarem seus estudos no exterior – nos cursos de graduação e de pós-graduação, superando em 1980 um milhão, e em 2012 chegando a 4,5 milhões. Ainda segundo esses relatórios, os principais destinos de acolhimento de estudantes estrangeiros foram os Estados Unidos, Reino Unido, França, Alemanha, Canadá e Austrália, representando 50% do fluxo. No entanto, sabe-se que outros destinos emergiram como alternativas, sobretudo para brasileiros, como Portugal, Espanha, Japão, Escandinávia, dentre outros (CASTRO, 2012).

Ressalta-se também um outro fenômeno que tem acontecido com frequência, que é o fato de os deslocamentos de pesquisadores para o exterior acontecerem em ondas, ou seja, sendo marcado por diversas incursões ao exterior durante suas respectivas carreiras científicas, quer seja de estudos de graduação, de um treinamento em pesquisa, de parte de sua formação doutoral, ou pela ocasião de um estágio pós-doutoral (LOMBAS, 2017). Nesse sentido, este processo contínuo de inserção internacional, é marcado pela ocorrência por repetidas vezes, e em momentos distintos da carreira acadêmica ou profissional, com duração e destinos variados (LOMBAS, 2017), o que é enquadrado como *brain circulation*, diante da natureza colaborativa de pesquisa com outros centros e das múltiplas viagens e períodos no exterior (ACKERS, 2005; JÖNS, 2007). Além disso, há também as inúmeras participações em congressos, seminários e outras atividades que implicam em viagens de curtíssimo prazo dos cientistas (LOMBAS, 2017).

Mesmo sabendo que há uma emigração qualificada de brasileiros, muitas vezes estes indivíduos encontram dificuldades para validação de seus diplomas (ENNERBERG; ECONOMOU, 2022), e enfrentam discriminação relativa à sua proficiência na língua local para inserção no mercado de trabalho (FARAHANI; THAPAR-BJÖRKERT, 2018).

Ademais, as relações interculturais transcendem as cooperações científicas, diante de uma realidade cada vez mais globalizada e facilitada de participações virtuais em conferências, bancas de mestrado e doutorado, e de cooperação no sentido mais amplo da pesquisa, o que tem se tornando um componente crucial para a formação profissional e para o desenvolvimento de competências, qualidades, atitudes e experiências que promovem uma competitividade e maior qualificação de profissionais brasileiros no mercado de trabalho internacional (LEWIN, 2009; PROCTOR; RUMBLEY, 2018).

Material e Métodos

Coleta de dados

O estudo seguiu uma abordagem quantitativa com objetivo descritivo, utilizando o método de levantamento das informações e dados dos emigrantes brasileiros por meio de um instrumento de coleta de dados do tipo *survey* (CRESWELL, 2010). Dado que o presente estudo teve como objetivo analisar o perfil das migrações de profissionais brasileiros com qualificação de *Stricto Sensu* e as mobilizações das diásporas científicas brasileiras, o questionário foi estruturado com perguntas abertas e fechadas para os

emigrantes brasileiros, encaminhado no formato *online* via *Google Forms* através de grupos de Facebook e mensagens via LinkedIn e WhatsApp.

A amostra composta por 596 respondentes com titulação de mestrado ou doutorado antes de iniciarem o processo de migração, foi selecionada por conveniência e acessibilidade, de uma amostra maior genérica de 3.888 respondentes que emigraram do Brasil para se estabelecerem no exterior. Foi realizado um recorte transversal com uma coleta de dados no período compreendido entre julho de 2019 e março de 2023. Os países estrangeiros, de acolhimento dos emigrantes, considerados no estudo (que já haviam participado da pesquisa geral de emigrantes brasileiros) foram: Alemanha, Bélgica, Holanda, Luxemburgo (Benelux), Espanha, França, Itália, Dinamarca, Finlândia, Suécia, Noruega (Países Nórdicos) e Suíça. As estimativas populacionais, amostra total e de respondentes estão demonstradas a seguir na tabela 1.

Tabela 1 – Estimativas e respondentes

	ESTIMATIVA ITAMARATY	TOTAL RESPONDEN TES	AMOSTRA		TOTAL
			MESTRES	DOUTORES	
PAÍSES NÓRDICOS	35.094	621	84	39	123
FRANÇA	81.400	605	71	22	93
BENELUX	72.252	488	80	12	92
ALEMANHA	144.120	652	60	28	88
SUÍÇA	75.800	610	63	20	83
ESPAÑHA	156.439	477	55	10	65
ITÁLIA	161.000	435	41	11	52
TOTAIS	726.105	3888	454	142	596

Fonte: elaborado pelos autores (2023)

A tabela 1 evidencia os dados oficiais do Ministério das Relações Exteriores - MRE (2021) sugerindo a presença de 726.105 brasileiros morando nos países pesquisados. No entanto, por serem dados oficiais estimados pelo corpo consular e embaixada, não estão incluídos os emigrantes em situação irregular. Como não existe uma metodologia para se estimar o número total de emigrantes (incluindo os em situação irregular), nem tampouco para atualizar os dados para a corrente data, os pesquisadores arbitraram por utilizar essa população para o cálculo amostral, valendo-se de um nível de confiança de 95% e margem de erro de 5%, chegando-se a um tamanho de amostra mínimo de 383, para brasileiros em cada um destes países (HAIR *et al.*, 2006).

Os pesquisadores também se basearam no trabalho de Baltar e Icart (2013), recorrendo aos grupos de Facebook, LinkedIn e WhatsApp para fazer chegar o questionário da *survey* aos respondentes. Portanto, os pesquisadores cadastraram-se em mais de 80

grupos de Facebook ligados a comunidades de brasileiros nos países envolvidos na pesquisa, mesmo sabendo que nem todos os membros dos grupos eram brasileiros emigrantes, mas simpatizantes da ideia de imigração.

Como muitos desses grupos de Facebook são fechados, os pesquisadores tiveram que aguardar a aprovação dos administradores para poderem postar os *links* dos questionários e participarem das conversas. Mesmo após a aprovação de sua inclusão no grupo, as postagens também ficavam sujeitas à validação do administrador. Nesse caso, era feito um contato com os responsáveis pelo grupo via *inbox* (mensagem de texto exclusiva) para explanar o propósito do projeto de pesquisa, solicitando também ajuda na divulgação do *link* da *survey* e visando obter acesso a uma quantidade de respondentes que atingisse o mínimo cálculo amostral.

Outra estratégia utilizada foi a de observar os membros mais ativos dos grupos de Facebook, com o maior número de postagens ou participações, enviando mensagens exclusivas e solicitando seu apoio, tanto no sentido de responder ao questionário quanto para divulgá-lo. Também foram enviadas mensagens do tipo *inbox* e via LinkedIn e grupos de WhatsApp. Durante toda a coleta de dados, respeitou-se o Regulamento Geral de Proteção de Dados da União Europeia, (RGPD-UE 2016/679), a qual exige um tratamento de confidencialidade de dados sensíveis durante seu processamento. Além disso, o projeto de pesquisa guarda-chuva foi inscrito na plataforma Brasil, sob o protocolo CAAE - 64516622.5.0000.5283.

Análise dos dados

Na análise das informações e dados foi aplicada a estatística descritiva, com a finalidade de descrever o perfil acadêmico, características e traços importantes dos emigrantes brasileiros (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2013), tendo como principais variáveis: idade (anos); sexo; tempo de migração (meses); Formação continuada (novos cursos realizados no país estrangeiro); Instituição de Ensino Superior (primeira graduação no Brasil); Ocupação atual (atividade no país estrangeiro); País de destino dos brasileiros; Moradia dos emigrantes e Motivos que levaram os emigrantes brasileiros a saírem do Brasil. No tratamento dos dados foram utilizados os *softwares* Minitab (versão 21.1.0), para análise estatística com intervalo de confiança de 95% para tabelas e Figuras, o Iramuteq (versão 0.7 Alpha 2) e R (Versão 3.2.3), para análise de conteúdo e nuvens de palavras.

Resultados

A análise dos dados é apresentada a partir do objetivo proposto no presente artigo: analisar o perfil das migrações de profissionais brasileiros com qualificação de *Stricto Sensu* e as mobilizações das diásporas científicas brasileiras. Portanto, na sequência são apresentados os resultados e análises do levantamento realizado.

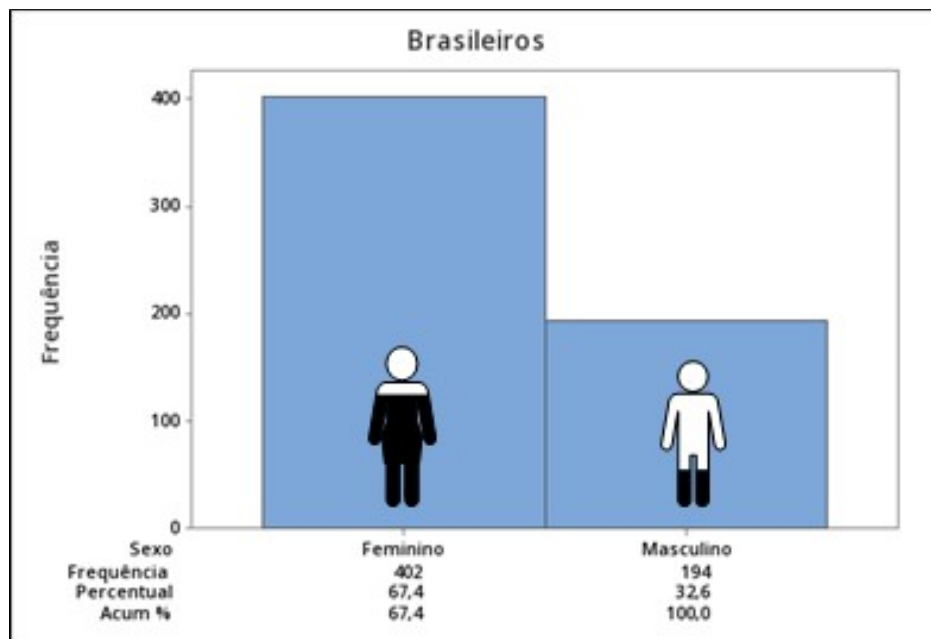
Perfil do emigrante brasileiro

Para evidenciar esse aspecto, foram consideradas as variáveis: sexo; idade (anos); Estado brasileiro em que nasceu; Instituição de graduação dos profissionais; Tempo de

Migração (meses) e moradia atual no país estrangeiro, tendo como foco os profissionais que saíram do Brasil com formação de mestres e doutores.

Na figura 1, fica evidenciado que a emigração dos brasileiros tem uma proporção maior do sexo feminino (67,4%), com titulação em mestrado e/ou doutorado. Neste sentido, o resultado evidencia uma feminização da migração brasileira. Queiroz, Cabecinhas e Cerqueira (2020) destacam que os textos seminais sobre o tema têm como foco as jovens brasileiras (20 a 40 anos).

Figura 1 – Migração dos Brasileiros por sexo



Fonte: elaborado pelos autores (2023)

Queiroz, Cabecinhas e Cerqueira (2020) apontam para os preconceitos sofridos pelos estereótipos das mulheres emigrantes e descrevem a inserção das mulheres no mercado laboral, destacando o fato delas principalmente desempenharem funções de limpeza, de cuidadoras de crianças e idosos e outros serviços relacionados à domesticidade. No entanto, devido ao elevado perfil de escolaridade da presente amostra, composta majoritariamente por indivíduos com graduação completa (51,2% da amostra) ou pós-graduação (34,9%), o perfil das respondentes se distancia daquele anteriormente descrito por essas e por outros autores (COSTA; RUVIARO, 2020; ASSIS; SIQUEIRA, 2021). A imigração brasileira era caracterizada, no passado, por homens em busca de condições melhores de trabalho, que sustentavam suas famílias de longe, e enviavam remessas de dinheiro mensalmente, como no caso dos brasileiros estabelecidos na América do Norte (GOZA, 1992). Textos recentes relativos ao perfil dos brasileiros na Alemanha e nos Países Nórdicos, por exemplo, destacam que essas mulheres brasileiras têm, em sua maioria, nível superior e que buscam melhores condições de vida para si e para sua família, como por exemplo, uma educação melhor, segurança e estabilidade econômica

(CRUZ *et al.*, 2022; FALCÃO *et al.*, 2022). Evidencia-se, na tabela 2 a relação entre gênero e idade.

Tabela 2 – Migração por idade e sexo dos Brasileiros

Estatísticas

Variável	Sexo	Contagem						
		Total	Média	DesvPad	CoefVar	Mínimo	Mediana	Máximo
Quantos anos você tem?	Feminino	402	37,465	8,370	22,34	24,000	36,000	79,000
	Masculino	194	37,082	8,677	23,40	24,000	35,000	69,000

Fonte: elaborado pelos autores (2023)

Observa-se na tabela 2, que a idade de migração dos brasileiros em busca de oportunidades em outros países, tanto para homens como para mulheres são similares com média em torno de 37 anos, considerando a faixa etária de emigrantes de 24 anos até 79 anos. Benea-Popușoi, Roșca e Bîrcă (2021) destacam que os trabalhadores altamente qualificados desempenham um papel central na atual ‘economia do conhecimento’ e que a sociedade global está em constante evolução com os países emergentes se tornando uma nova força. As autoras reforçam que os recém-formados sejam multiculturais e ‘móveis’ em sua própria natureza.

Já a Comissão Especial de Acompanhamento do Plano Nacional de Pós-Graduação 2011-2020 da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES destaca que é preciso valorizar a educação, a ciência, a tecnologia e a inovação, apoiando o empreendedorismo inovador, investimento nas pessoas, principalmente nos jovens (AUDY *et al.*, 2021). A comissão também identifica que essa estratégia é vital para posicionar o Brasil como protagonista no cenário mundial. Por outro lado, questiona-se para que se esforçar tanto na formação de jovens Mestres e Doutores, se diversos autores convergem no sentido de que o país não avança na criação de condições atrativas para que eles permaneçam no país (SILVA *et al.*, 2023).

As tabelas 3 e 4, indicam que a idade média geral dos brasileiros com mestrado está em torno de 37,392 anos não evidenciando diferença significativa de idade entre sexo feminino (37,427 anos) e o sexo masculino (37,357 anos). No entanto, no grupo de emigrantes brasileiros com doutorado existe uma indicação de que o sexo masculino apresenta uma idade média (36,02 anos) menor que o sexo feminino (37,578 anos). Esses dados indicam que os homens com doutorado no Brasil participam do processo migratório com idade ligeiramente mais jovem se comparados com a mobilização das mulheres no processo.

Tabela 3 – Idade e Sexo dos Brasileiros com Mestrado no Brasil

Resultados para Qual seu grau de escolaridade? = Mestrado

Estatísticas

Variável	Sexo	Contagem						
		Total	Média	DesvPad	CoefVar	Mínimo	Mediana	Máximo
Quantos anos você tem?	Feminino	300	37,427	8,388	22,41	24,000	36,000	79,000
	Masculino	154	37,357	8,840	23,66	24,000	35,000	68,000

Fonte: elaborado pelos autores (2023)

Tabela 4 – Sexo e Idade dos Brasileiros com Doutorado no Brasil

Resultados para Qual seu grau de escolaridade? = Doutorado

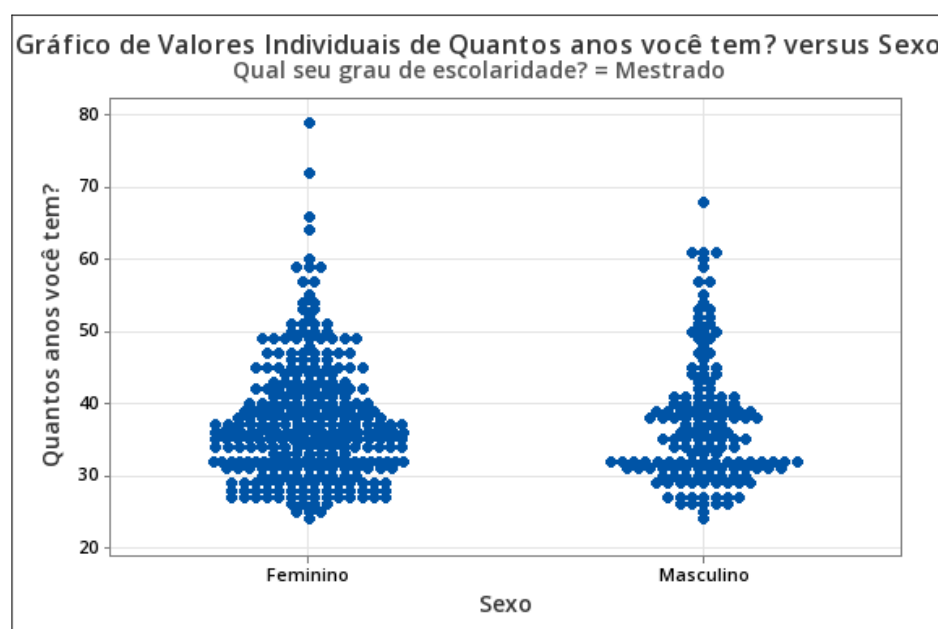
Estatísticas

Variável	Sexo	Contagem		Média	DesvPad	CoefVar	Mínimo	Mediana	Máximo
		Total							
Quantos anos você tem?	Feminino	102		37,578	8,356	22,24	25,000	36,000	68,000
	Masculino	40		36,02	8,04	22,31	26,00	35,00	69,00

Fonte: elaborado pelos autores (2023)

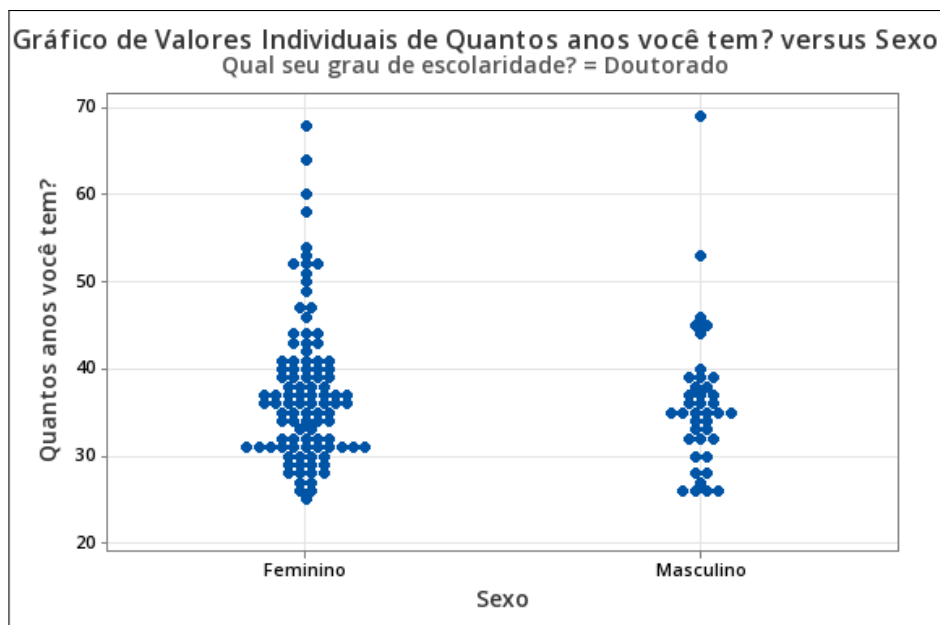
Nas figuras 2 e 3, evidenciam que a quantidade de emigrantes do sexo feminino representa 60% do total de emigrantes com mestrado (461) e 72% do total de emigrantes com doutorado (148).

Figura 2 – Emigrantes com Mestrado



Fonte: elaborado pelos autores (2023)

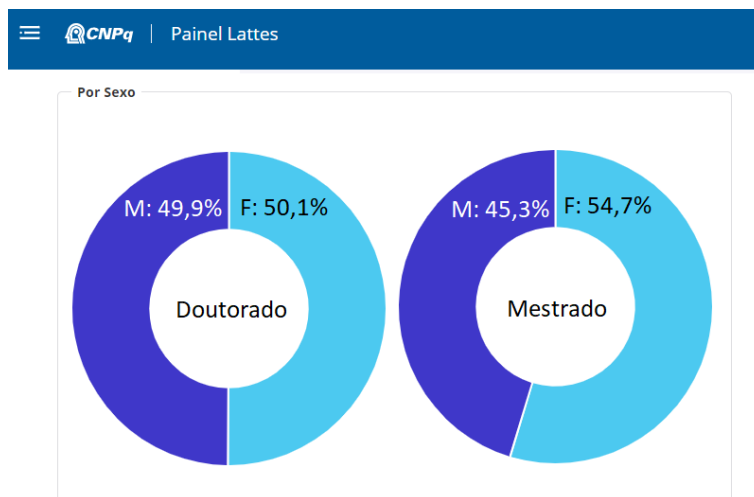
Figura 3 – Emigrantes com Doutorado



Fonte: elaborado pelos autores (2023)

Esses dados podem ser confrontados com os disponíveis no Painel Lattes – Base de interação e pesquisa que oferece informações atualizadas sobre a atuação de pesquisadores em Ciência, Tecnologia e Inovação (C, T & I) cadastrada por intermédio do currículo Lattes (ver figura 4).

Figura 4 – Dispersão por gênero e grau de formação – Painel Lattes

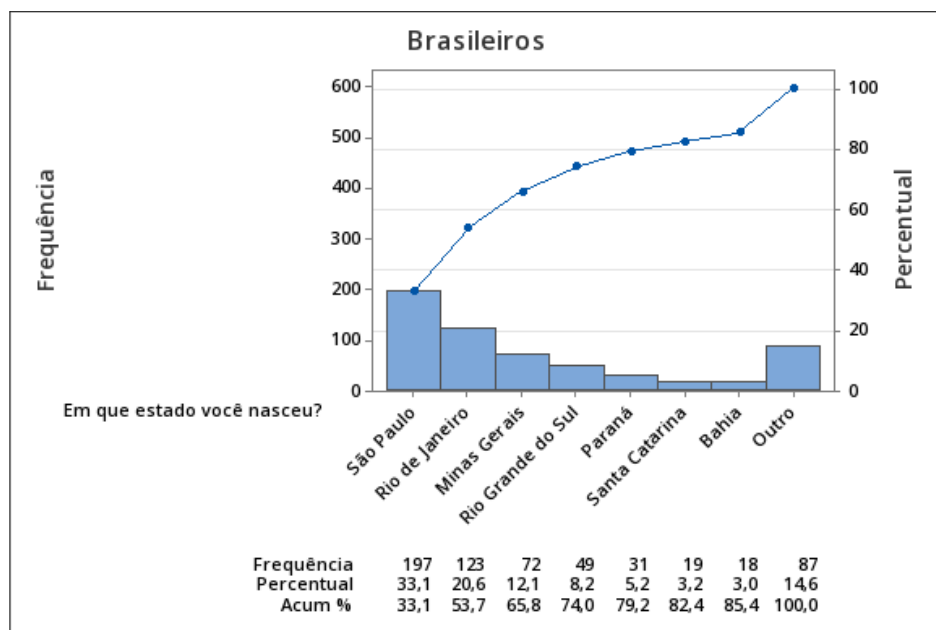


Fonte: adaptado com dados do Painel CAPES (<https://painel-lattes.cnpq.br/>)

Conforme aponta a figura 4, nesta base brasileira de currículos, o perfil identificado parece reforçar ainda mais a ideia da feminização do contingente migratório, e não um fato decorrente da formação acadêmica no Brasil, dado que os percentuais masculino e feminino, tanto nos pesquisadores com grau de doutorado quanto no de mestrado são relativamente equilibrados, havendo apenas uma ligeira predominância feminina em nível de mestrado.

Já a figura 5 indica que 74% dos emigrantes brasileiros nasceram nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul.

Figura 5 – Estado Brasileiro de origem



Fonte: elaborado pelos autores (2023)

Destaca-se que, nos últimos anos, as estatísticas da CAPES sobre Mestres e Doutores matriculados ou formados no Brasil seguem exatamente a mesma ordem. Apenas a partir do ano de 2020 que o estado da Bahia supera o número de Santa Catarina (ver tabela 5).

Tabela 5 – Quantidade de alunos e formados nos Mestrados e Doutorados Brasileiros, por Estado

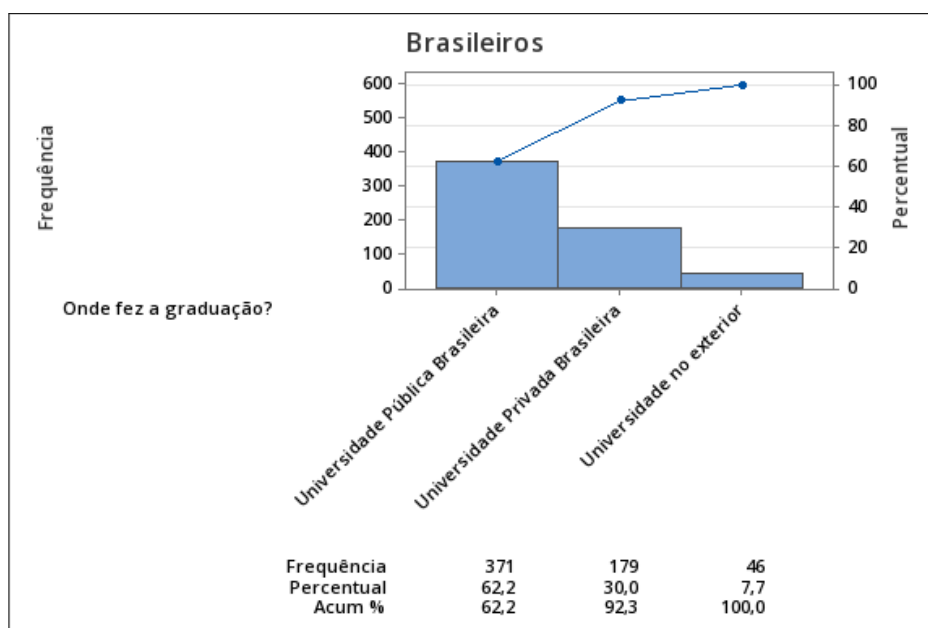
	2016	2017	2018	2019	2020	2021
SP	88.988	90.099	91.300	91.471	89.493	92.050
RJ	44.332	45.069	46.721	47.777	47.683	50.380
MG	34.962	37.056	38.464	39.518	39.098	40.148
RS	32.842	33.897	34.533	35.292	35.417	36.882
PR	23.504	25.042	26.766	28.120	28.397	28.993
SC	14.007	14.679	15.187	15.805	15.666	16.480
BA	13.559	14.162	14.879	15.667	15.893	17.265
PE	13.512	13.743	14.321	14.984	14.959	15.966
CE	10.094	10.843	11.492	12.008	12.056	12.838

	2016	2017	2018	2019	2020	2021
DF	10044	10431	11243	11756	11877	12713

Fonte: GEOCAPES - Sistema de Informações Georreferenciadas - CAPES

Nota-se que a figura 6, que 62,2% respondentes cursaram Universidade pública no Brasil. Essa figura reforça a necessidade de uma reflexão quanto às políticas educacionais brasileiras, que geram oportunidades de formação em nível superior, no entanto perdem mão de obra qualificada para outros países.

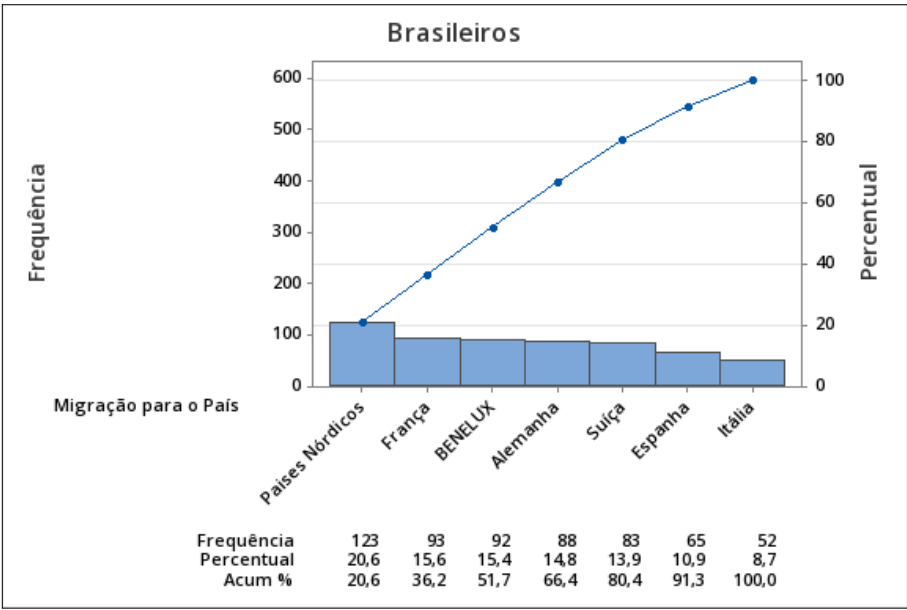
Figura 6 – Instituição de Graduação dos Brasileiros Emigrantes



Fonte: elaborado pelos autores (2023)

Na Figura 7, nota-se que os Países Nórdicos (20,6%), França (15,6%), Benelux (15,4%), Alemanha (14,8%) e Suíça (13,9%) representam um contingente de 80,4% dos brasileiros que emigraram do Brasil, para os países receptores analisados nessa amostra.

Figura 7 – Países que acolheram os Brasileiros Emigrantes



Fonte: elaborado pelos autores (2023)

A Espanha e a Itália, apresentam menor volume de emigração de brasileiros com nível de *Stricto Sensu*, o que aponta para uma atratividade maior dos países do Norte da Europa no tocante aos cidadãos mais qualificados, em linha com o que apontam trabalhos anteriores (por exemplo, CASTRO, 2012). Já conforme a tabela 6, tendo como referência o tempo em meses em que os emigrantes estão residindo nos países estrangeiros, a média geral está em torno de 64 meses, que corresponde a 5,3 anos. Outro aspecto é que fica evidenciado um tempo médio maior no país estrangeiro em 13% pelo sexo feminino (média = 68,03 meses) em comparação com o sexo masculino (média = 60,55 meses), mesmo considerando no cenário a existência de grande variabilidade dos dados coletados.

Tabela 6 – Tempo de migração e Sexo dos Brasileiros

Estatísticas

Variável	Sexo	Contagem						
		Total	Média	DesvPad	CoefVar	Mínimo	Mediana	Máximo
Há quanto tempo está nesse país	Feminino	402	68,03	37,04	54,46	12,00	59,00	120,00
	Masculino	194	60,55	38,78	64,04	12,00	59,00	120,00

Fonte: elaborado pelos autores (2023)

A tabela 7, indica uma média geral de 65,28 meses (5 anos) de residência do emigrante no país estrangeiro, a França (75,11 meses), BENELUX (67,07 meses), Suíça (66,82 meses), Espanha (66,22 meses) e Países Nórdicos (65,17 meses) são os países que acolhem por mais tempo o emigrante, segundo apontam as evidências da amostra da presente pesquisa.

Tabela 7 – Tempo de migração e País Estrangeiro

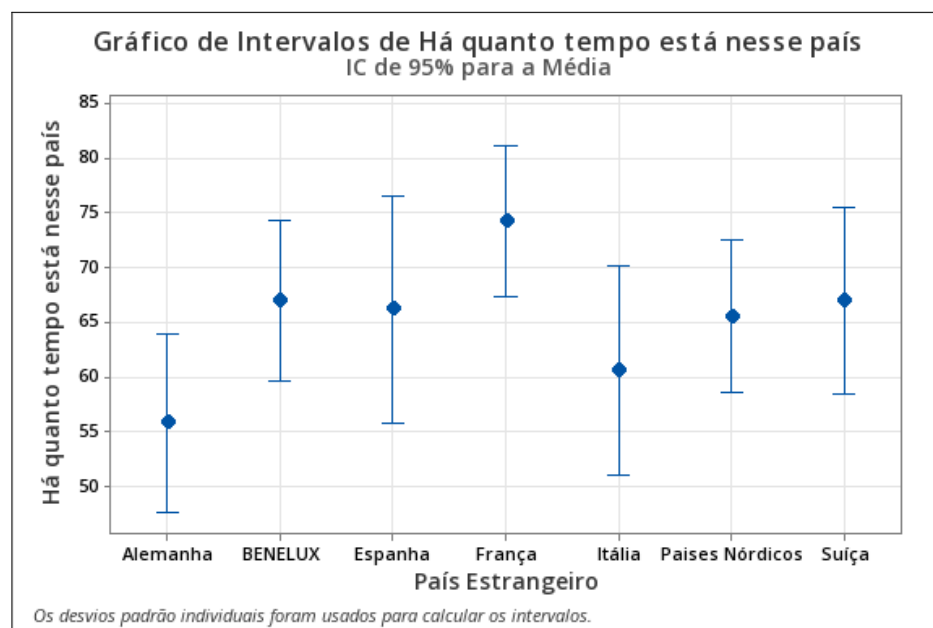
Estatísticas

Variável	País estrangeiro	Contagem						
		Total	Média	DesvPad	CoefVar	Mínimo	Mediana	Máximo
Há quanto tempo está nesse país	Alemanha	88	55,88	38,50	68,91	12,00	59,00	120,00
	BENELUX	92	67,07	35,46	52,87	12,00	59,00	120,00
	Espanha	65	66,22	41,60	62,82	12,00	59,00	120,00
	França	93	75,11	34,08	45,37	12,00	59,00	120,00
	Itália	52	60,67	34,48	56,83	12,00	59,00	120,00
	Países Nórdicos	123	65,17	39,26	60,24	12,00	59,00	120,00
	Suíça	83	66,82	38,23	57,21	12,00	59,00	120,00

Fonte: elaborado pelos autores (2023)

A Figura 8, por sua vez, indica que a França apresenta um tempo médio de 75,11 meses, portanto maior em 15% do que a média geral de 65,28 meses (5,44 anos), considerando intervalo de confiança de 95%.

Figura 8 – Tempo de migração e País Estrangeiro

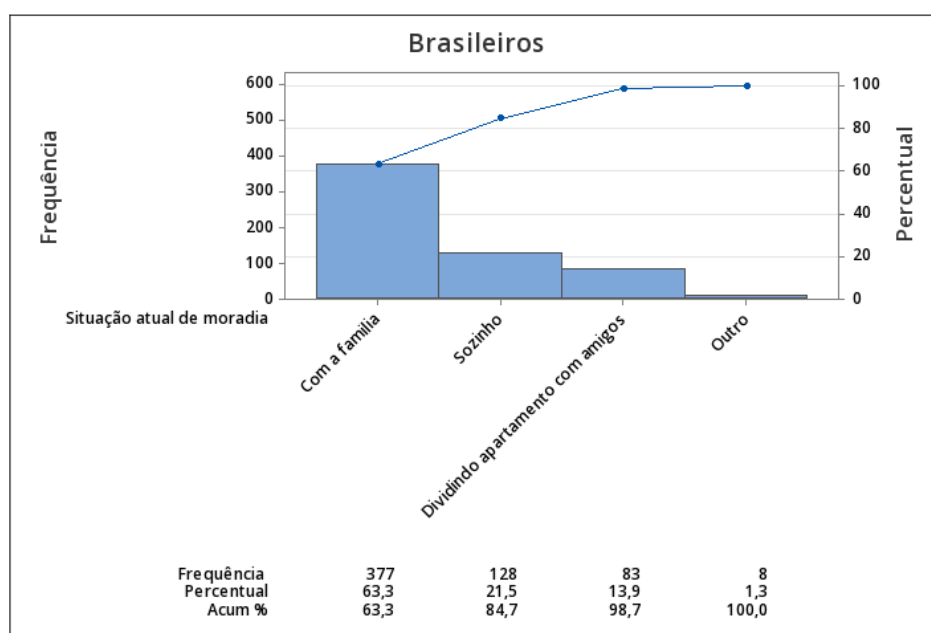


Fonte: elaborado pelos autores (2023)

Já a Figura 9, demonstra o tipo de moradia no país estrangeiro, indicando que 63,3% dos brasileiros moram com a família no exterior e 21,5% moram sozinhos, apontando para

uma emigração com reunião familiar ou matrimônio no país de acolhimento. Isso também tem relação com a feminização da emigração (QUEIROZ; CABECINHAS; CERQUEIRA, 2020; COSTA; RUVIARO, 2020; ASSIS; SIQUEIRA, 2021).

Figura 9 – Moradia no País Estrangeiro

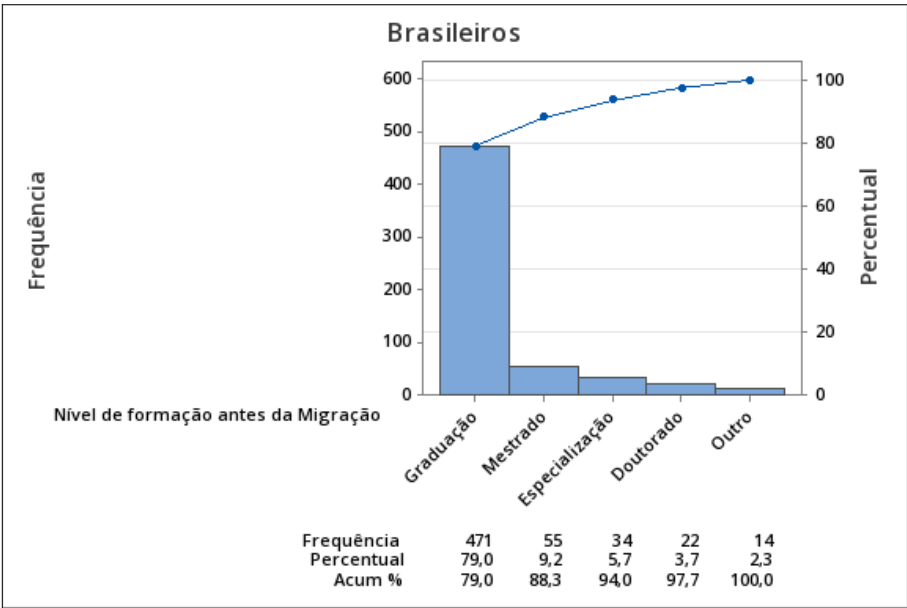


Fonte: elaborado pelos autores (2023)

Mobilizações das diásporas científicas brasileiras

Nesse aspecto são analisadas as variáveis: novas formações no país estrangeiro, tendo como foco os profissionais que saíram do Brasil com formação de mestres e doutores. A Figura 10, indica que 79% do total de respondentes (596 respondentes) fez uma nova graduação (471 respondentes) no país estrangeiro, mesmo já tendo a titulação de mestre ou doutor.

Figura 10 – Nova Formações no exterior dos Brasileiros Emigrantes



Fonte: elaborado pelos autores (2023)

Isto possivelmente indica barreiras de validação de diplomas anteriores e até uma busca por recolocação qualificada dos indivíduos (ENNERBERG; ECONOMOU, 2022), e podem até enfrentar discriminação devido ao seu grau de proficiência na língua local, para inserção no mercado de trabalho, sobretudo no trabalho acadêmico ou da indústria de serviços, comércio etc. (FARAHANI; THAPAR-BJÖRKERT, 2018). Na tabela 8, a idade média dos emigrantes brasileiros que realizaram outro mestrado no país estrangeiro apresenta menor idade em média (33,82 anos), em comparação com a idade média dos brasileiros que realizaram uma especialização (39,68 anos).

Tabela 8 – Idade e Novas Formações no exterior dos Brasileiros Emigrantes

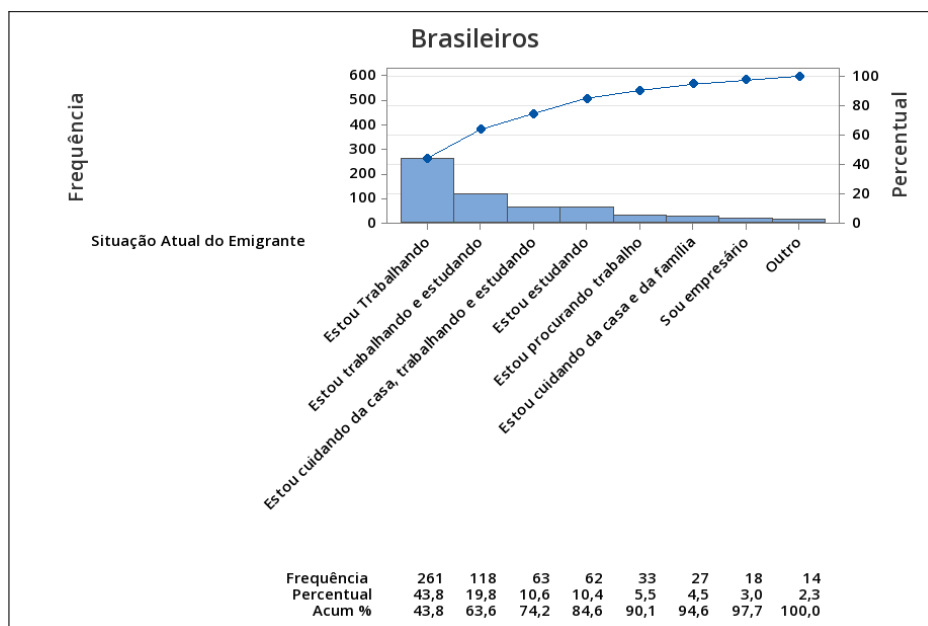
Estatísticas

Variável	Formação antes da Migração	Contagem						
		Total	Média	DesvPad	CoefVar	Mínimo	Mediana	Máximo
Quanto anos você tem?	Doutorado	22	39,50	8,81	22,31	30,00	37,00	60,00
	Especialização	34	39,68	9,18	23,15	28,00	38,00	68,00
	Especialização e Mestrado	13	37,69	7,85	20,82	27,00	35,00	52,00
	Graduação	471	37,473	8,428	22,49	24,000	36,000	79,000
	Mestrado	55	33,82	7,61	22,50	24,00	32,00	55,00
	Pós-Doutorado	1	37,000	*	*	37,000	37,000	37,000

Fonte: elaborado pelos autores (2023)

Observa-se na Figura 11, que 74,2% dos emigrantes brasileiros estão trabalhando (261 respondentes), trabalhando e estudando (118 respondentes) e cuidando da casa, trabalhando estudando (63 respondentes), enquanto 5,5% desses brasileiros estão procurando emprego (33 respondentes), o que aponta para um relativo sucesso de trajetória migratória qualificada.

Figura 11 – Ocupação no País de Emigração



Já a situação atual da atividade profissional dos emigrantes por idade é evidenciada na tabela 8, demonstrando que 44% do total dos emigrantes está trabalhando (261 respondentes) com uma idade média de 36,920 anos e 20% estão trabalhando e estudando (118 respondentes) com idade média idade de 37,390 anos, o que aponta para uma diferença de médias pouco significativa e para indivíduos na faixa economicamente ativa, mas com idade mais madura, possivelmente indicando uma progressão de carreira (Tabela 9).

Tabela 9 – Idade e Ocupação no País de Emigração

Estatísticas

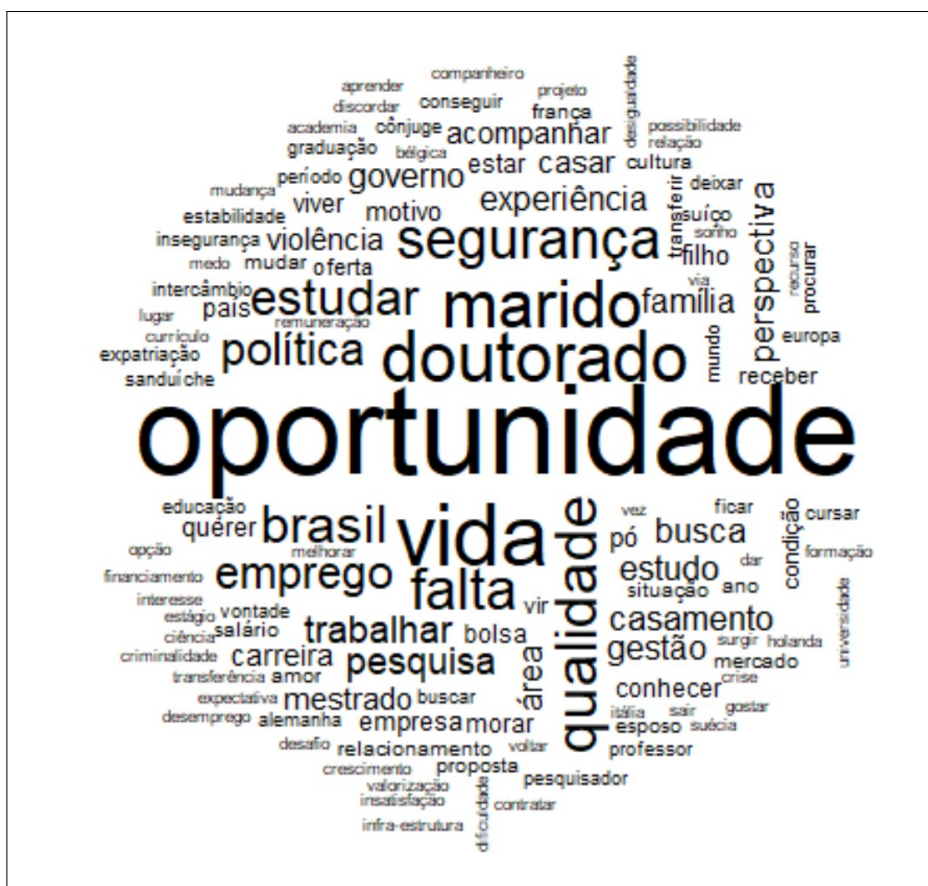
Variável	Qual a sua situação atual?	Contagem						
		Total	Média	DesvPad	CoefVar	Mínimo	Mediana	Máximo
Quantos anos você tem?	Estou buscando abrir um negócio	4	43,00	10,86	25,26	35,00	39,00	59,00
	Estou com trabalho voluntário	3	36,33	5,03	13,85	31,00	37,00	41,00
	Estou cuidando da casa e da família	27	41,48	11,57	27,89	25,00	38,00	68,00
	Estou cuidando da casa, trabalhando e estudando	63	39,59	9,58	24,21	27,00	37,00	72,00
	Estou estudando	62	33,500	6,129	18,30	24,000	32,500	52,000
	Estou fazendo turismo	2	41,50	3,54	8,52	39,00	41,50	44,00
	Estou procurando trabalho	33	38,64	9,55	24,71	25,00	36,00	61,00
	Estou Trabalhando	261	36,920	7,535	20,41	25,000	35,000	61,000
	Estou trabalhando e estudando	118	37,390	9,213	24,64	25,000	36,000	79,000
	Estou vivendo de renda	5	38,80	10,03	25,86	24,00	42,00	51,00
	Sou empresário	18	37,94	6,73	17,72	26,00	39,00	50,00

Fonte: elaborado pelos autores (2023)

A Figura 12, onde evidencia-se uma nuvem de palavras baseada nas respostas às perguntas abertas, reforça a indicação dos principais fatores para o processo de emigração dos brasileiros nesse estudo como: oportunidades em outros países, realização de doutorado, busca de qualidade de vida, acompanhar mobilidade do marido no

exterior. Estas são causas recorrentes de emigração brasileira como pode ser visto em trabalhos como os de Cruz, Falcão e Barreto (2017) e de Cruz *et al.* (2022).

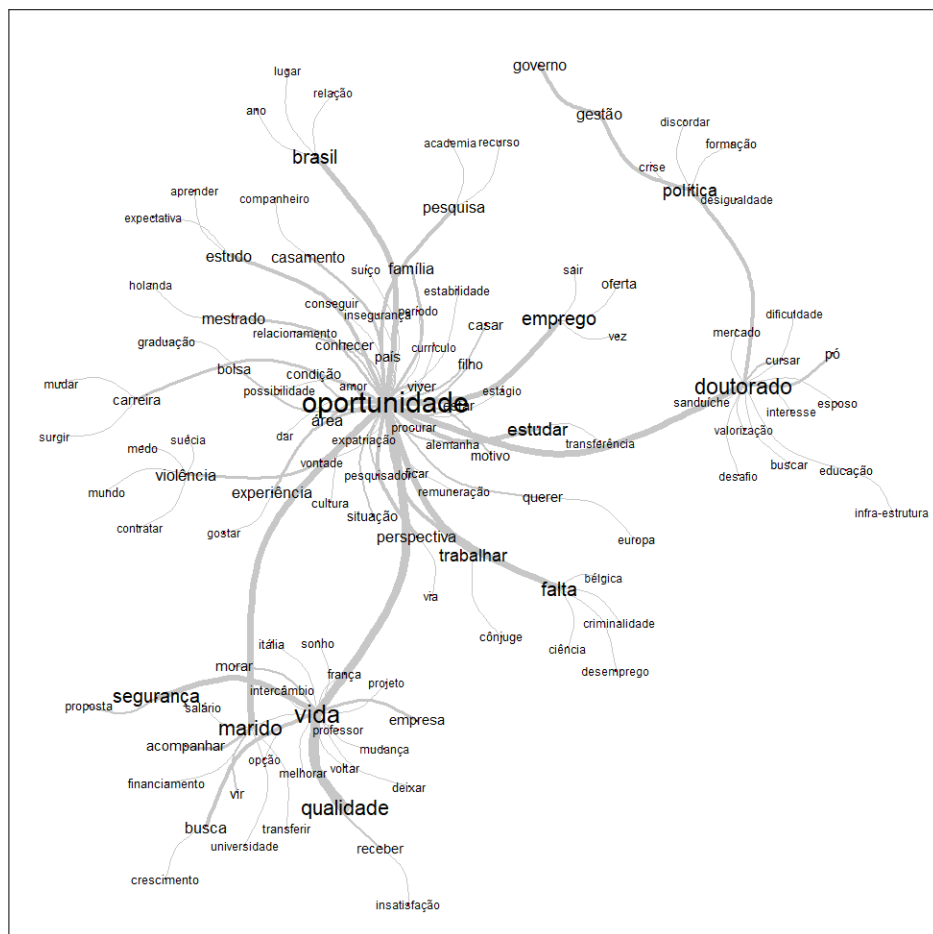
Figura 12 – Motivos da emigração brasileira



Fonte: elaborado pelos autores (2023)

Já a Figura 13, demonstra como esses fatores estão relacionados, evidenciando as razões que levaram os brasileiros com titulação de mestres e doutores a emigrarem para outros países. O fator mais frequente foi a expectativa de oportunidade relacionada diretamente ao emprego, ao estudo e ao trabalho, o que normalmente está relacionado a um indivíduo que emigra por razões econômicas ou por busca de melhores oportunidades.

Figura 13 – Motivos e suas relações da emigração brasileira



Fonte: elaborado pelos autores (2023)

O *cluster* oportunidade na realização de doutorado está relacionado diretamente com a divergência das políticas brasileiras que não tratam a desigualdade, dificuldade de formação e a crise. O *cluster* oportunidade relaciona-se com a busca de qualidade de vida, o qual por sua vez se relaciona diretamente com a mobilidade do parceiro(a) no país estrangeiro e a busca de segurança (pessoal, família e financeira). Já o *cluster* doutorado tem a ver com política e governo. Nota-se também uma dispersão de palavras relacionadas a violência, segurança, criminalidade e desemprego, sobretudo no ramo falta (de oportunidade). Menções dos países de acolhimento também aparecem dispersas nos outros *clusters*.

Conclusões

Lembrando que o objetivo da pesquisa era o de analisar o perfil das migrações de profissionais brasileiros com qualificação de *Stricto Sensu* e as mobilizações das diásporas científicas brasileiras, como principais achados evidenciou-se na amostra para

uma feminização da migração, um perfil jovem (na faixa economicamente ativa) e que busca melhores oportunidades e condições de desempenhar um trabalho científico.

Isso significa que mesmo entre os emigrantes brasileiros que saíram com Mestrado e Doutorado não há uma evidência concreta de que haja uma diáspora acadêmica, mas possivelmente uma diáspora econômica em busca de maiores oportunidades, ou mesmo o fenômeno de circulação (*brain circulation*), caracterizado por múltiplas incursões no exterior – uma vez que 79% deles decidiram fazer uma nova graduação (figura 10), provavelmente como forma de entrar no mercado de trabalho local.

Há, contudo, evidências de que grande parte desses profissionais que emigram com grau de mestre e doutor se engajam em novas formações acadêmicas (graduação), apontando para o fato de uma possível dificuldade para atuação na sua área de formação devido a problemas de validação de diplomas. No entanto essa evidência pode ser objeto de aprofundamento em estudos futuros.

Em linhas gerais, os resultados desta investigação chamam a atenção para os riscos, para o Brasil, do ponto de vista da fuga de cérebros para os países ricos, o que pode ser um fator de ampliação da desigualdade na distribuição dos recursos cognitivos, entre outras questões.

Portanto, entende-se que esse fenômeno suscita atenção, tanto de formuladores quanto de implementadores de políticas públicas educacionais – especialmente em relação à Educação Superior brasileira –, bem como na área de ciência, tecnologia e inovação, uma vez que a formação em nível de pós-graduação *Stricto Sensu*, exige um esforço considerável de toda a sociedade nacional – envolvendo a mobilização de recursos e atores diversos –, a partir do qual se vislumbra um caminho e/ou um fator relevante para o desenvolvimento econômico e humano, ou seja, à melhoria da qualidade de vida, de um modo geral.

O estudo ainda apresenta limitações quanto a coleta de dados, por ser uma amostra por conveniência, a qual desconsiderou alguns países importantes da diáspora acadêmica brasileira como EUA, Austrália, Canadá e Japão.

Estudos futuros devem se ater em aprofundar o recorte de uma amostra que englobe um maior número de países da diáspora acadêmica brasileira, e realizando uma triangulação de fontes, como entrevistas em profundidade, além de se confrontar com dados do CNPq e CAPES.

REFERÊNCIAS

1. ACKERS, Louise. Managing relationships in peripatetic careers: Scientific mobility in the European Union. In: Women's Studies International Forum. Pergamon, 2004. p. 189-201.
2. ACKERS, Louise. Moving people and knowledge: Scientific mobility in the European Union. International migration, v. 43, n. 5, p. 99-131, 2005.
3. ASSIS, Gláucia Oliveira; SIQUEIRA, Sueli. Entre o Brasil e a Europa: brasileiras negociando gênero e raça nas representações sobre “a mulher brasileira”. Cadernos Pagu, v.63, n. e216306, 2021.
4. AUDY, Jorge Luís Nicolas; et al. Sumário Executivo: PNPG 2011-2020. Brasília: CAPES, 2021.
5. BALBACHEVSKY, Elizabeth; SILVA, Eduardo do Couto e. A diáspora científica brasileira: perspectivas para sua articulação em favor da ciência brasileira. Parcerias Estratégicas, v. 16, n. 33, p. 163-176, 2012.

6. BALTAR, Fabiola; ICART, Ignasi Brunet. Entrepreneurial gain, cultural similarity and transnational entrepreneurship. *Global Networks*, v. 13, n. 2, p. 200-220, 2013.
7. BARUCH, Yehuda; ALTMAN, Yochanan; TUNG, Rosalie L. Career mobility in a global era: Advances in managing expatriation and repatriation. *Academy of Management Annals*, v. 10, n. 1, p. 841-889, 2016.
8. BAUMANN, Martin. Conceptualizing Diaspora. The Preservation of Religious Identity in Foreign Parts, exemplified by Hindu Communities outside India. *Temenos-Nordic Journal of Comparative Religion*, v. 31, 1995.
9. BENEÁ-POPUȘOI, Elina; ROȘCA, Irina; BÎRCĂ, Mădălina. International talent flows in the light of educational systems of the world countries. *Center for Studies in European Integration Working Papers Series*, n. 17, p. 49-57, 2021.
10. BEZERRA, Fernanda Mendes; SILVEIRA NETO, R. M. Existe 'Fuga de Cérebros' no Brasil? Evidências a partir dos censos demoFiguras de 1991 e 2000. *Economia*, v. 9, n. 3, p. 435-456, 2008.
11. CARNEIRO, Ana Maria et al. Diáspora brasileira de ciência, tecnologia e inovação: panorama, iniciativas auto-organizadas e políticas de engajamento. *Ideias*, v. 11, p. e020010-e020010, 2020.
12. CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. 7. ed. São Paulo: Paz e Terra. 2003.
13. CASTRO, Claudio de Moura et al. Cem mil bolsistas no exterior. *Interesse nacional*, v. 4, n. 17, p. 25-36, 2012.
14. CHAHAD, José Paulo Zeetano. Mercado de trabalho: conceitos, definições, funcionamento e principais estatísticas para o Brasil. In: PINHO, Diva Benevides.; VASCONCELLOS, Marco Antonio S.; TONETO JÚNIOR, Rudinei (Orgs.). *Manual de Economia*. 7. ed. São Paulo: Editora Saraiva, 2017.
15. CIUMASU, Ioan M. Turning brain drain into brain networking. *Science and public policy*, v. 37, n. 2, p. 135-146, 2010.
16. COHEN, Robin. Diasporas: changing meanings and limits of the concept. *The Handbook of Diasporas, Media, and Culture*, p. 21-30, 2019.
17. COSTA, Ana Paula; RUVIARO, Rianne. Estereótipos e migração: a mulher brasileira em Portugal. In: COUTINHO, Francisco Pereira; OLIVEIRA, Emelin de; CARAPÊTO, Maria João (Orgs.). *Atas da Conferência: Igualdade de Género e Mobilidade*. 2020. p. 201-216. Lisboa: Cedis - Centro de I&D sobre Direito e Sociedade.
18. CRESWELL, John W. *Projeto de pesquisa: métodos qualitativos, quantitativo e misto*. 3 ed., Porto Alegre, ARTMED, 2010.
19. CRUZ, Eduardo Picanço et al. Brasileiros na Alemanha: motivações, perfil dos imigrantes e questões para debate. *População e Sociedade*, v. 38, p. 118-141, 2022.
20. CRUZ, Eduardo Picanço; FALCÃO, Roberto Pessoa de Queiroz; BARRETO, Cesar Ramos. Estudo exploratório do empreendedorismo imigrante brasileiro em Pompano Beach e Orlando-EUA. *Gestão & Planejamento-G&P*, v. 18, 2017.
21. DELORS, Jacques et al. *Educação: um tesouro a descobrir*. 7. ed. São Paulo: Cortez; BRASÍLIA, DF: UNESCO, 2012.
22. ENNERBERG, Elin; ECONOMOU, Catarina. Career adaptability among migrant teachers re-entering the labour market: A life course perspective. *Vocations and Learning*, v. 15, n. 2, p. 341-357, 2022.
23. FALCÃO, Roberto Pessoa de Q. et al. *Relatório de Pesquisa: Perfil dos brasileiros nos Países Nórdicos*. Niterói: Departamento de Empreendedorismo e Gestão, 2022. Disponível em: https://mpeinternacional.uff.br/wp-content/uploads/sites/53/2023/03/Relatorio-Brasileiros-nos-Paises-Nordicos_FINAL.pdf.

24. FARAHANI, Fataneh; THAPAR-BJÖRKERT, Suruchi. The racialised knowledge economy. In: *Narratives of Marginalized Identities in Higher Education*. Routledge, 2018. p. 86-99.
25. FERREIRA, Luciana Rodrigues; CHAVES, Vera Lucia Jacob. A pós-graduação no Brasil: a expansão de doutores no novo Plano Nacional de Educação. *Eccos - Rev. Cient.*, São Paulo, n. 45, p. 291-312, jan./abr. 2018.
26. GOZA, Franklin. A imigração brasileira na América do Norte. *Revista Brasileira de estudos de população*, v. 9, n. 1, p. 65-82, 1992.
27. HAIR, Joseph F. et al. *Multivariate data analysis*. New Jersey: Pearson Prentice Hall Upper Saddle River. 2006.
28. HALL, Stuart. Da diáspora. *Belo horizonte: UFMG*, p. 36, 2003.
29. JÖNS, Heike. Transnational mobility and the spaces of knowledge production: a comparison of global patterns, motivations and collaborations in different academic fields. *Social geography*, v. 2, n. 2, p. 97-114, 2007.
30. LASTRES, Helena Maria Martins; ALBAGLI, Sarita. Chaves para o terceiro milênio na era do conhecimento. In LASTRES, Helena Maria Martins; ALBAGLI, Sarita (Orgs.). *Informação e globalização na era do conhecimento*. Rio de Janeiro: Campus, 1999.
31. LASTRES, Helena Maria Martins; FERRAZ, João Carlos. Economia da informação, do conhecimento e do aprendizado. In LASTRES, Helena Maria Martins; ALBAGLI, Sarita (Orgs.). *Informação e globalização na era do conhecimento*. Rio de Janeiro: Campus, 1999.
32. LEWIN, Ross. *The handbook of practice and research in study abroad*. Higher education and the quest for global citizenship, 2009.
33. LO BIANCO, Anna Carolina et al. A internacionalização dos programas de pós-graduação em psicologia: perfil e metas de qualificação. *Psicologia: reflexão e crítica*, v. 23, p. 1-10, 2010.
34. LOMBAS, Maria Luiza de Santana. A mobilidade internacional acadêmica: características dos percursos de pesquisadores brasileiros. *Sociologias*, v. 19, p. 308-333, 2017.
35. MARCHELLI, Paulo Sérgio. Formação de doutores no Brasil e no mundo: algumas comparações. *RBPG - Revista Brasileira de Pós-Graduação*, v. 2, n. 3, p. 7-29, mar. 2005.
36. MEDEIROS, Natalia dos Santos; FIORILLO, Celso Antonio Pacheco. A saúde dos nômades digitais e a questão da soberania. *Revista direitos, trabalho e política social*, v. 8, n. 15, p. 214-239, 2022.
37. MRE, Ministério das Relações Exteriores. *Comunidade brasileira no exterior: estimativas referentes ao ano de 2020*. Ministério das Relações Exteriores, 2021.
38. OCDE. *Education at a Glance 2014: OECD indicators*. OCDE, 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1787/eag-2014-en.pdf>. Acesso em: 20 maio de 2015. » <http://dx.doi.org/10.1787/eag-2014-en.pdf>.
39. PEDRAZA-NÁJAR, Ximena Lucía; RODRIGUEZ-ROJAS, Yuber Liliana; JUÁREZ, Javier Pérez. Medición de la gestión de la calidad universitaria: revisión bibliográfica. *SIGNOS-Investigación en sistemas de gestión*, v. 9, n. 1, p. 19-30, 2017.
40. PROCTOR, Douglas; RUMBLEY, Laura E. (Ed.). *The future agenda for internationalization in higher education: Next generation insights into research, policy, and practice*. Routledge, 2018.
41. QUEIROZ, Camila Craveiro; CABECINHAS, Rosa; CERQUEIRA, Carla. *Migração feminina brasileira e a experiência do envelhecimento em Portugal*:

- sexismo e outros “ismos”. *Equatorial-Revista do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social*, v. 7, n. 12, p. 1-23, 2020.
42. RAMOS, Carlos Alberto. *Introdução à economia da educação*. Rio de Janeiro: Alta Books, 2015.
 43. RAMOS, Milena Yumi; VELHO, Léa. Formação de doutores no Brasil e no exterior: impactos na propensão de migrar. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 32, n. 117, p. 933-951, out./dez. 2011.
 44. RAMOS, Milena Yumi; VELHO, Léa. Formação de doutores no Brasil: o esgotamento do modelo vigente frente aos desafios colocados pela emergência do sistema global de ciência. *Avaliação*, Campinas; SOROCABA, SP, v. 18, n. 1, p. 219-246, mar. 2013.
 45. RIGGS, F. W. Diasporas and Ethnic Nations. In: *International Studies Association Conference*, Los Angeles. 2000. Disponível em <http://tinyurl.com/npkzldx>, Acesso em: 19 maio 2023.
 46. SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F.; LUCIO, M. P. B. *Metodologia de Pesquisa*. 5ª ed. Porto Alegre: Editora Penso. 2013.
 47. SANTIAGO, Claudia; MACHADO, Michel Mott. Implicações da globalização no âmbito do saber e das práticas de gestão: algumas reflexões. *REGIT - Revista de Estudos de Gestão, Informação e Tecnologia*, Itaquaquecetuba, SP, v. 2, n. 4, p. 13-33, jul./dez. 2015.
 48. SCHNAPPER, Dominique. From the nation-state to the transnational world: on the meaning and usefulness of diaspora as a concept. *Diaspora: A Journal of Transnational Studies*, v. 8, n. 3, p. 225-254, 1999.
 49. SILVA, Viviane Dias Medeiros et al. FUGA CÉREBROS NO BRASIL PANDEMICO: A CRISE SANITÁRIA E NA EDUCAÇÃO. MANEJO PÓS-COVID-19: ASPECTOS BIOLÓGICOS, FUNCIONAIS E SOCIAIS, v. 1, n. 1, p. 63-74, 2023.
 50. SILVEIRA, Evanildo. Fuga de cérebros: os doutores que preferiram deixar o Brasil para continuar pesquisas em outro país. *BBC News Brasil*, v. 18, 2020.
 51. SIMÕES, Bárbara Bruna de Oliveira. Novas Abordagens Para a Migração Econômica Internacional: economia e vulnerabilidade no século XXI. In: JUBILUT, Liliana Lyra; GARCEZ, Gabriela Soldano; LOPES, Rachel de Oliveira; FERNANDES, Ananda Pórpora; SILVA, João Carlos Jarochinski (Orgs.). *Direitos Humanos e Vulnerabilidade e Migrações Forçadas*, p. 247-271. Boa Vista: Editora da UFRR, 2022.
 52. SOUSA, Vítor Manuel Fernandes Oliveira. Qual o significado de “Diáspora” em tempo de globalização? A relação controversa entre Império, lusofonia e “portugalidade”. *Doutorado em Ciências da Comunicação (Teoria da Cultura)*: Universidade do Minho, 2014.
 53. UNESCO - Institute for Statistics. *Global Education Digest 2006: comparing education statistics across the world*. Disponível em: <http://www.uis.unesco.org/Library/Documents/ged06-en.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2013. » <http://www.uis.unesco.org/Library/Documents/ged06-en.pdf>.
 54. UNESCO - Institute for Statistics. *Global Education Digest 2009: comparing education statistics across the world*. Disponível em: <http://www.uis.unesco.org/Library/Documents/ged09-en.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2013. » <http://www.uis.unesco.org/Library/Documents/ged09-en.pdf>.
 55. VELHO, Léa. Formação de doutores no país e no exterior: estratégias alternativas ou complementares? *DADOS - Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, v. 44, n. 3, p. 607-631, 2001.